

Uma Entrevista com Joacine Katar Moreira

1. Como tem visto ser retratado o tema dos mares, na cultura Portuguesa, a partir do ponto de vista dos Estudos Africanos? Serão os mares uma “ponte” ou mais um lugar de sofrimento?

Do ponto de vista colonial e das ramificações da ideologia colonial que persistem até à actualidade, os mares são vistos como pontes e estradas que possibilitaram aquilo a que se denomina insistentemente por “encontros entre os povos”, “primeira globalização”, “descobrimientos” e “expansão”. Neste prisma, os mares foram uma imensidão de possibilidades bem aproveitadas pelos portugueses para o firmamento de um império colonial. Mares, portanto, como unificadores de interesses diversos e de continentes diferentes.

Claro que esta visão parcial da História não é empática com os colonizados, privilegiando a visão do colonizador e os interesses deste. Neste contexto, os mares são vistos como ponte para alcançar os feitos históricos de uma nação de pequena dimensão, mas cujos nacionais são dotados de grande coragem e grandeza. Os mares como lugares de oportunidades incalculáveis e da concretização da missão civilizadora lusitana. Tudo isto permitiu que os mares e a sua navegação fossem também motores para a construção de uma identidade nacional baseada na conquista e no poder coloniais, que marcou uma época histórica considerada por muitos como sendo a (única) época áurea portuguesa.

Do ponto de vista de uma africana, que estudou Estudos Africanos, os mares são para mim um tema sobre o qual escrevo sobretudo textos literários, porque as metodologias académicas não me permitem expressar sentimentos que considero importantes para a análise da temática. Os mares foram a estrada que permitiu a existência do período mais violento da história africana, que foi a colonização. Uma estrada que se tornou vermelha do sangue e dos corpos dos filhos de África nele tombados. Os mares aparecem como a separação (e não como encontro), as estradas que em vez de unirem separaram povos, famílias, culturas e conhecimentos. Graças aos mares se deu o tráfico de pessoas escravizadas, sendo claramente um lugar de sofrimento e de dores profundas que se fazem sentir até hoje na forma como os filhos e descendentes do continente africano continuam a ser tratados e (sub)entendidos.

2. Considera que Portugal continua a glorificar os mares como uma espécie de avatar de bravura e coragem?

A forma como os mares são retratados na cultura portuguesa pode resumir-se a esta estrofe dos *Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões:

*As armas e os barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

Aqui, os mares são espaços de engrandecimento e heroicidade. Uma heroicidade baseada na invasão colonial e na exploração dos territórios ocupados a todos os níveis – económico, político, religioso, material, cultural e simbólico. E um engrandecimento que é feito à custa do rasuramento dos africanos e dos indígenas, dos seus corpos, da sua história e das suas experiências. Simultaneamente, a normalização e a aceitação dessa heroicidade colonial portuguesa passa sobretudo pela omissão das violências do colonialismo português e pela transmissão de uma história parcial que tende a suavizar e a mascarar o colonialismo de bondade e de carácter messiânico.

3. Recentemente, houve um grande debate sobre um presumível Museu dos Descobrimentos. Muitos dizem que tal contribuirá para uma glorificação mais ou menos arcaica da história Portuguesa, negando (ou secundarizando) os processos de colonialismo e escravatura. Outros afirmam que tal museu é razoável e apenas “natural”. Como vê a polémica?

Fui uma das escritoras, e naturalmente subscritora, da carta “Não a um museu contra nós!”¹ (Público, 22 de Junho de 2018) na qual negras e negros marcaram a sua posição na discussão pública sobre o projecto de um museu denominado “Da Descoberta”, alertando para o facto desse museu vir a ser “construído sobre os ombros do silenciamento da nossa História”. Subscivera também a primeira carta dos cientistas sociais “Porque é que um museu dedicado à ‘Expansão’ portuguesa e aos processos que desencadeou não pode nem deve chamar-se ‘Museu das Descobertas?’” (Expresso, 12 de Abril de 2018) e da carta “Agentes culturais

contra a designação e missão do “Museu da Descoberta” da Câmara Municipal de Lisboa” (Público, 22 de Maio de 2018).

Uma das primeiras lições que podemos tirar desta proposta socialista da Câmara Municipal de Lisboa, é a de que existe um consenso, em todas as quadrantes políticas, no que à valorização histórica do período colonial português diz respeito. A segunda lição é também a de que a academia tem feito o seu trabalho fechada sobre si própria, para conceitos como “descoberta”, “descobertas” e “descobrimientos” continuarem a ser usados pelo estado e autarquias, quando esta discussão já leva décadas na produção historiográfica. Outro aspecto é a enorme resistência na revisão dos preceitos históricos do colonialismo português e a recusa em aceitar que este período heróico foi afinal um período marcado por brutalidade, desumanização e violência a larga escala.

Portugal criou uma imagem de si próprio absolutamente surreal que faz com que haja grande celeuma cada vez que esta visão de si e da sua sociedade é questionada. O mesmo acontece com o racismo, a que muita gente recusa sequer a existência, ignorando todas as vozes que o denunciam, porque reconhecer que o país é estruturalmente racista implica o reconhecimento de privilégios de que ninguém quer abdicar.

Acredito que um museu com esta denominação não avançará, tendo em conta toda a polémica criada à sua volta. Em primeiro lugar importaria saber sobre o porquê de um *museu da descoberta*, sendo que não faltam monumentos e estátuas que evoquem o passado colonial português de forma heroicizada. Em segundo lugar é a sua denominação, que claramente pretende dar seguimento e reforçar as falácias que criadas sobre o colonialismo português. Em terceiro é perceber o conteúdo de um museu desta natureza e para todas estas questões a resposta é claramente negativa, a meu ver.

4. Considera que Portugal ainda não chegou a termos com o seu passado colonial, com o seu passado escravagista, que muito deve a tal glorificação dos mares (enquanto metonímia de uma nação valente e de exploração)?

Considero que começa só agora uma discussão pública (a académica já tem o seu tempo, embora nem tanto) questionadora do passado colonial português e que esta discussão que toma o seu início há um ano e meio atrás já se encontra mais ou menos controlada pelos conservadores (conservadores da História como tem sido contada, e conservadores no sentido político do termo). Há uma grande resistência em reavaliar e assumir a verdade do colonialismo português

e por verdades entendem-se também as violências perpetradas, sobretudo no corpo da mulher negra, objectificado, diminuído, explorado e violado.

Portugal ainda está na fase da recusa da sua história, enquanto noutros países já se discutem os termos da reparação histórica e a devolução de arte africana saqueada na época colonial. Esta recusa é resultado da romantização do colonialismo e da defesa da identidade nacional e da história que a sustenta.

No que diz respeito à Escravatura, um dos primeiros passos passa por escrevê-la com maiúsculas, assim como se faz com o Holocausto, por respeito às suas vítimas e à verdade. Nos livros escolares de História os africanos escravizados continuam a ser retratados, sem qualquer pensamento crítico, como produtos e como peças. E aqui os mares e a sua visão mercantilista têm sem dúvida grande impacto na dificuldade com que Portugal lida com a sua própria História.

Interview conducted in 2018.

NOTE

1. <https://www.publico.pt/2018/06/22/culturaipsilon/opiniao/nao-a-um-museu-contra-nos-1835227#gs.Uy7p7JQB>

JOACINE KATAR MOREIRA (PhD, ISCTE, 2017) é uma académica, activista e política luso-guineense. Fundadora do Instituto da Mulher Negra em Portugal (INMUNE), ela foi a primeira mulher negra a encabeçar as listas de um partido político em Portugal, nomeadamente nas eleições legislativas de 2019 pelo Livre. Actualmente, é deputada no Parlamento Português.

ANDRÉ NÓVOA (PhD, Royal Holloway, 2014) is a geographer who previously trained as an historian and anthropologist. He was a researcher at Northeastern University (USA) and an assistant editor of *HAU Magazine: Journal of Ethnographic Theory*. His work has been published in journals such as *Mobilities* and *Environment & Planning*. In “The Colour of Labour” project, he is directly involved with the study of mobilities, addressing the movements of whalers, the journeys of indentured migrants, and the entanglements of labor and mobility.